



## Apresentação **Interfaces Cultura/Sociedade**

Quando meu amigo e companheiro Menezes da UCSal me convidou para ser co-editora de um número especial de Diálogos Possíveis, senti-me não apenas honrada pelo convite como também feliz em reassumir uma atividade que realizei durante cerca de 20 anos, na Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano/ FSP-USP, com muito prazer e intensidade.

Ao receber a incumbência, minha primeira atitude foi telefonar à minha eterna orientadora, Profa. Dra. Eda Tassara, para conversar com ela sobre o possível tema, chegando nós duas a este: Interfaces Cultura Sociedade.

Segundo ela, todo o desafio da ciência atual está em responder ao desafio colocado pelos limites que não mais estão claros entre as áreas, ao mesmo tempo em que cada disciplina continua a se arvorar como dona de um território. De fato, conforme Barthes (1984, p. 99), “A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém”. Eda declara, em decorrência, que a ciência de ponta que está sendo produzida é a que está ocorrendo nas interfaces.

Este embate, mais um combate do que um debate, ocorre a todo momento, sendo as publicações, e suas normas, um dos seus sintomas mais evidentes do constrangimento a que áreas diversas ficam obrigadas a se confinar devido à hegemonia de outras. Portanto, Diálogos Possíveis é uma revista cujo título e política de publicação contêm uma esperança e uma positividade que devem ser valorizadas.

O que fiz foi lançar o título da revista e do número especial a pessoas conhecidas – algumas nem tanto - mas todas com uma produção importante em suas áreas, para ver o que produziriam como resposta.

E elas chegaram: Sandra Greger, a esse propósito assim se expressa: “Este estudo se insere movimentando-se por fronteiras interdisciplinares, integrando diversos olhares, tais como: Psicologia Social, Filosofia, Sociologia, Psicanálise, Geografia, Arquitetura e Urbanismo, Psicologia Sócio-Ambiental, Saúde Coletiva, entre outros”. Igualmente, neste número especial de Diálogos Possíveis, temos variadas interfaces incluindo as acima citadas, mais antropologia/comunicação, saúde materno-infantil/direito, meios digitais de comunicação/ciência, urbanização/saúde, urbanização/educação, urbanização/família, cultura/educação/família, psicologia/filosofia, conjugalidade/corporeidade/sexualidade, intergeratividade/ambiente, metodologia/ética, interface psicojurídica, teologia e outros.

Alguns autores, como Canevacci, debruçaram-se de fato sobre questões de interface: “Não existem mais fronteiras bem definidas para pensar distintamente os fenômenos comunicacionais: a contemporaneidade é marcada pela indistinção das áreas de conhecimento. As fronteiras são os espaços mais significativos da



pesquisa atual. Sejam as fronteiras clássicas, estaduais, que são cruzadas sempre mais pela subjetividade migrante que não consegue ficar parada no seu território nativo, nas suas raízes obscuras e inflexíveis, e por isso desafiam as regras e clandestinamente cruzam a linha, como também as fronteiras digitais ou epistemológicas, aquelas que desejam favorecer a indisciplina como desafio a uma universidade compartimentalizada, que não pode continuar a sobreviver entre faculdades, departamentos, currículos delimitados e encerrados como prisão. Os centros de pesquisas são cada vez mais culturas, individualidades, identidades, que decidem movimentar o seu próprio estatuto, cruzar e mesclar – sincretizar – as fronteiras culturais e, mais ainda, políticas. Olhar a linha da fronteira significa indisciplinar e inclinar as áreas e os modelos de conhecimento. E tentar descobrir, e às vezes, praticar, o que ainda não está imobilizado pelo conceito. No corpo-pupila do olho se manifesta este desejo pela diáspora: e no processo migrante a óptica compõe o seu máximo desejo de aprender a olhar o desconhecido, aclamando o estupor como método”.

O tema do Método é o centro do artigo de Eda Tassara, ela própria uma metodóloga, vinda da área da Física, mas entendendo a psicologia social “como, onde” os fenômenos atinentes à ciência ocorrem, desde a demonstração da relatividade por Einstein. Elaborando ainda mais esta idéia, e levando-a às condições em que o conhecimento está sendo produzido, conclui que a ética estaria no centro desta produção pois é no contexto político e em sua derivação o espaço em que os processos realmente ocorrem.

Outro artigo que aborda diretamente a questão do poder é o de Ana Paula Soares da Silva que estudou o assentamento rural, caracterizado como Comuna da Terra, sendo que este tipo de assentamento provoca mudanças culturais nas dinâmicas de poder entre cidade e campo. Diz a autora: “na apropriação espacial, ocorre simultaneamente a ação-transformação e a identificação simbólica do espaço. Isto significa que o espaço nunca pode ser concebido apenas nas suas características físicas ou por seus limites geográficos. A construção de um espaço é acompanhada por processos de significações sobre ele. Estes processos, por sua vez, estão intrinsecamente articulados aos grupos sociais que ocupam e se apropriam destes espaços. Por isto, a significação dos grupos é mediada pelos espaços e a significação dos espaços é mediada pelas relações entre os grupos. O (auto)reconhecimento grupal e a categorização do eu acontecem assim como parte de um processo de ocupação do espaço”. A reprodução deste longo texto se deve a que nele estão apontadas inúmeras interfaces, como a da subjetividade, do espaço territorial, do pertencimento a grupos sociais, a vivências de limites sociais e geográficos, à alteridade, etc.

Sandra Maria Gregor Tavares, ao tomar como objeto de estudo a participação em movimentos em saúde em Jacareí, assume como central ao seu tema a questão da cidadania, e, portanto, da relação



público/privado. Desde um evento que passou a tomar conta do cotidiano dos brasileiros, escreve: “Na atualidade, constata-se no Brasil, uma grande desarticulação entre o Estado e a sociedade; entre as políticas públicas e suas bases comunitárias. A intensiva modificação das formas de ocupação do espaço e de organização das pessoas pelos territórios, bem como a rápida expansão de novos modos de inclusão social dos sujeitos parecem não estar sendo devidamente consideradas no planejamento, na gestão e avaliação das políticas públicas. Revela-se um vácuo, um desencontro, que atinge tanto o Estado como a sociedade, impactando o planejamento participativo, em suas dimensões técnica e política e gerando, em última instância, um visível esvaziamento da ocupação do espaço público não estatal e um distanciamento entre as diretrizes das políticas públicas com relação às bases e demandas locais da sociedade civil”. Deste modo, seu artigo se articula, sob outra ótica, ao de Tassara quanto ao poder público, ao de Soares, quanto à cidadania e políticas públicas e ao de Meyer, em que ambas tomam como tema principal a questão da saúde pública e ao de Oliveira e outros pelo lócus em que os estudos se realizaram.

Três autoras responderam diretamente ao tema: Tchirine Mekideche, da Argélia, país tão longínquo ao nosso, e tão próximo, colocou a temática no título de seu artigo, mostrando como a cultura de um país está diretamente relacionada à atitude dos professores e à grade curricular, no que ficou sendo denominado de “currículo escondido”; Isabelle Sanchis, da Universidade Federal de Minas Gerais, por seu lado, ao realizar um recorte de sua tese de doutorado, orientada por Miguel Mahfoud, na mensagem de encaminhamento do texto via email declara que, ter escolhido filósofos, e não psicólogos para referenciar a elaboração do seu texto se deveu ao desafio contido na temática proposta. De fato, produz um texto que responde a um desafio permanente que é conceber e compreender o que seja subjetividade. Finalmente, a advogada Verônica A. da Motta Cezar-Ferreira, que fez pessoalmente a travessia entre áreas, tendo um mestrado e um doutorado na área de Psicologia da Família, propôs o tema guarda compartilhada e o relacionamento parental na interface psicojurídica, sendo essa interface realmente por ela vivida e explicitada em seu artigo.

A educação comparece não apenas diretamente no texto de Mekideche, mas também no de Rodrigo Borgueti, da Universidade de São Paulo- Ribeirão Preto, em artigo derivado de sua tese de doutorado, orientando por Marina Massimi, em que o pensamento de Paulo Freire é visto como um possível humanismo e comparado ao de Erich Fromm, de modo algo ousado, como o próprio autor avalia. Porém, falar de Paulo Freire é necessariamente falar de sociedade e cultura e educação, em uma das maiores figurações já realizadas nesta interface. Neste artigo, de modo muito próximo ao de Mekideche, pode-se ler ter sido “necessária uma discussão sobre o verdadeiro padrão da vida



nacional, que focasse a realidade brasileira e não simplesmente a importação de novos modelos, desconsiderando as concepções de vida formuladas historicamente pelo nosso povo”. Neste sentido, há uma discussão em que o fundamento político está alicerçando um pensamento estruturado, ao mesmo tempo, em princípios da e para a educação e da e para psicologia, dentro de um contexto em que a especificidade cultural e histórica é enfatizada.

Dentro de uma ótica diversa e complementar a respeito da educação, dois outros artigos olham para cidades localizadas no interior de estados, um ao Nordeste do Brasil, outro no sudeste. Relacionando indicadores educacionais e indicadores urbanísticos em Jacareí, interior do estado de São Paulo, o arquiteto José Oswaldo Soares de Oliveira, Vera Maria Almeida Rodrigues da Costa e Maria José Alacrino mostram o impacto que a organização sóciourbana gera sobre o desempenho educacional dos estudantes, este tema justificando-se pela importância que as cidades e as condições materiais da vida urbana podem ter na qualidade dos indicadores educacionais. Já Lilian Perdigão Caixeta Reis, de Viçosa, interior do estado de Minas Gerais, observa em Família, Relações Intergeracionais e Projetos de vida como a ênfase no estudo ganha destaque no projeto de vida dos jovens, levando-os a migrar para cidades maiores em busca de formação, na intenção de alcançar melhores condições de inserção profissional e a mudanças em suas vidas, em especial nas trocas entre as gerações, com repercussões na organização familiar.

Apesar das diferenças entre conteúdo, similaridades podem ser vistas em artigos, como a temática da informática, objetivo central de Elaine Costa-Fernandez e colaboradoras que se dedicaram a compreender como os jovens estão vivendo a influência da comunicação pela internet em sua vida cotidiana. Este tema é o centro do pensamento de Canevacci, que propõe conceitos como *multindivíduo* e cultura digital, em uma necessária relação de ubiquidade, aproximando-se, assim, não apenas do texto de Costa-Fernandez, como também do de Isabelle por ambos tratarem de subjetividade. Em outro diapasão, Juliana Orrico, da Universidade Católica do Salvador, Bahia, em recorte de seu mestrado orientado por mim, utilizou a via do email para realizar entrevistas sobre a sexualidade do casal, donde a informática entra na produção científica como “meio” e como “linguagem”.

Arlette Meyer, da França, realizou também um recorte de sua tese de doutorado enfocando a questão da cultura, da sociedade e da saúde, a partir de sua experiência como enfermeira-puericultora no Equador, em comparação com a realidade da França. Deste modo, seu artigo compreende, em profundidade e na práxis, o objeto deste número especial de Diálogos Possíveis em que ela relata as necessárias transformações que ocorrem, no ambiente e no pesquisador/profissional, quando fronteiras são transpassadas.

Na linha dos sub-textos que percorrem os artigos, a destacar a questão da família, tema central de Costa-Fernandez, de Juliana Orrico, de Mekideche, de Lilian Reis.



De ordem mais filosófica, Menezes se propõe a testar, com Foucault de *História da Sexualidade*, se efetivamente são os modernos os inventores da subjetividade. O faz através de um recorte sobre a leitura procedida pelo autor francês ao texto Fedro de Platão. O resultado aponta para indicadores de análise que recuam para os gregos uma sensibilidade extraordinária para com as questões subjetivas, malgrado o tão propalado racionalismo objetivista que os caracteriza.

Finalizando este editorial de um modo “acadêmico”, devemos acrescentar serem todos artigos originais, constando de seis (ou sete ou oito) ensaios e sete pesquisas, sendo quatro autores estrangeiros (Roma, Milão, Alger, Paris) e os demais de vários estados e cidades brasileiras (Salvador, São Paulo, Jacaréí, Ribeirão Preto, Belo Horizonte, Viçosa) e oriundos de diversas áreas, a sua maioria em psicologia, mas também da antropologia, sociologia, arquitetura, educação, enfermagem, física, direito. No entanto, o que distingue todos os autores e todos os artigos é a sua “viagem” por fronteiras, cruzando áreas a fim de constituir novos objetos de conhecimento.

**Elaine Pedreira Rabinovich**